

AS PRÁTICAS E AS REFLEXÕES ARQUEOLÓGICAS DE ANNETTE LAMING-EMPERAIRE: UMA NOVA “MISSÃO FRANCESA” NO BRASIL*

Arno Alvarez Kern**

Cada pesquisa tem valor - ou não - em relação ao contexto no qual ela é realizada. É tão difícil estabelecer um primeiro mapa arqueológico, organizar uma coleção pela primeira vez, evidenciar um primeiro cemitério do que codificar pela primeira vez uma indústria lítica que nunca foi estudada. O importante é saber que cada passo da pesquisa é apenas uma etapa, tão provisória quanto indispensável. O importante é o prazer mesmo da investigação.¹

INTRODUÇÃO

Apresentar as idéias de uma das fundadoras da arqueologia brasileira, a arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, a partir de sua Tese de Doutorado, tem por finalidade destacar um destes textos que assinalam as perspectivas e nos evidenciam as tendências de uma época.² Annette Laming-Emperaire teve um grande destaque nas pesquisas

* Conferência ministrada no seminário “Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira”, comemorativo aos 50 anos do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, em 03/10/2006. Este trabalho é a expressão de meu profundo reconhecimento a Laming-Emperaire, uma das figuras pioneiras da história da arqueologia brasileira.

** Arqueólogo e Historiador, Pesquisador do CNPq (1A). Professor Titular dos Cursos de Pós-Graduação e Graduação do Departamento de História da PUCRS. E-mail: aakern@puccrs.br

¹ LAMING-EMPERAIRE, Anette. **La signification de l'Art Rupestre paléolithique**. Paris: Editions A. & J. Picard, 1962. 424p. A tese foi orientada pelo conhecido arqueólogo André Leroi-Gourhan, na época professor de Etnologia da Sorbonne.

² LAMING-EMPERAIRE, Anette. « Introduction ». In: PROUS, A. e PIAZZA, W. **Documents pour la pré-histoire méridional. 2. L'Etat de Santa Catarina**. Paris: EHESS, 1977. p. 4.

arqueológicas que se desenvolviam sobre a arte pré-histórica na Europa. Enquanto nos anos 50 a equipe de Leroi-Gourhan fazia um monumental inventário de todas as pinturas, gravuras e esculturas da arte franco-cantábrica, Madame Annette Laming-Emperaire redigia sua tese de doutorado sobre os aspectos teóricos voltados para o significado desta arte. Na América do Sul, ela desenvolveu suas pesquisas na Patagônia, em Minas Gerais e no Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, da Universidade Federal do Paraná. Nestas atividades de pesquisa e de formação intelectual de muitos dos arqueólogos desta época, Laming-Emperaire, como muitos de nós a chamávamos, foi uma figura ímpar, bem conhecida pelas suas diversificadas e valiosas pesquisas sobre a pré-história brasileira.³ Ela deve ser lembrada por ter dado início a uma nova “Missão Francesa” no Brasil, com uma atuação tão importante na arqueologia quanto foi a de Debret na nossa História da Arte.⁴

Este trabalho não pretende nem um balanço sistemático e completo das idéias de uma época, nem mesmo é o manifesto de uma “nova arqueologia”. Talvez esta análise das idéias de um importante pesquisador de nossa pré-história nos permita abrir uma nova perspectiva na história da arqueologia brasileira, aquela da reflexão sobre os textos produzidos pelos próprios arqueólogos. Talvez as práticas científicas e as reflexões teóricas de Laming-Emperaire fiquem mais claras se nós buscarmos em suas idéias as suas motivações, as certezas e as dúvidas da ciência da época.

Este trabalho não pretende nem um balanço sistemático e completo das idéias de uma época, nem mesmo é o manifesto de uma “nova arqueologia”. Talvez esta análise das idéias de um importante pesquisador de nossa pré-história nos permita abrir uma nova perspectiva na história da arqueologia brasileira, aquela da reflexão

³ Graças à iniciativa do coordenador do CEPA da Universidade Federal do Paraná, prof. Igor Chmyz, tive a oportunidade de ser aluno no curso de “Técnicas Arqueológicas Aplicáveis a Sítios Pré-Cerâmicos”. Ministrado pela profa. dra. Annette Laming-Emperaire no Sambaqui do Centenário e no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, este curso de pós-graduação *latu sensu* foi um ponto de inflexão em minha carreira profissional. Ele deu origem à minha decisão de fazer o doutorado em arqueologia na França, sob a orientação de Madame Annette. O Curso de Doutorado em Arqueologia foi concluído na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris), em 20 de fevereiro do ano de 1981. A Tese defendida se denominou “Le Précéramique du Plateau Sud-Brésilien. (O Pré-Cerâmico do Planalto Sul-Brasileiro)” e o orientador foi o prof. dr. Paul Courbin.

⁴ A “Missão arqueológica francesa” no Brasil foi iniciada por José Emperaire e sua esposa Annette Laming-Emperaire. A morte trágica de José Emperaire na Patagônia não impediu que Annette Laming-Emperaire continuasse suas pesquisas na América do Sul. Após a sua morte inesperada em 1977, a pesquisa francesa no Brasil central e meridional teve continuidade com André Prous, Denis Vialou e Ageda Vialou.

sobre os textos produzidos pelos próprios arqueólogos. Talvez as práticas científicas e as reflexões teóricas de Laming-Emperaire fiquem mais claras se nós buscarmos em suas idéias as suas motivações, as certezas e as dúvidas da ciência da época.

Nas décadas finais do século 20 e nos primeiros anos de nosso século 21, os cientistas desenvolveram uma série de estudos epistemológicos voltados para a produção do conhecimento. No campo da arqueologia, estas reflexões propuseram em primeiro lugar uma análise crítica dos debates teóricos travados pelos arqueólogos sobre a ciência por eles praticada. Em segundo lugar, discutiram-se os problemas analíticos relacionados ao uso das teorias arqueológicas. Finalmente, a reflexão epistemológica voltou-se para uma dupla abordagem: a análise da relação dialética entre os textos teóricos e os contextos científicos nos quais eles foram produzidos. Foram então utilizados os textos produzidos pelos arqueólogos sobre a própria Arqueologia, em um exercício de história do tempo presente.⁵

Estes textos são considerados atualmente verdadeiros documentos de época e nos evidenciam as importantes contribuições teórico-metodológicas dos arqueólogos à discussão epistemológica recente sobre a nossa ciência. Eles devem ser compreendidos nos seus respectivos contextos, sobretudo na segunda metade do século passado. Eles somente podem ser plenamente compreendidos por nós se forem inseridos no momento histórico de sua produção e no âmbito da discussão científica então em curso. Estes textos de época não nos evidenciam apenas as recentes discussões epistemológicas sobre a própria arqueologia ou as chamadas “escolas arqueológicas”. Eles poderão ser úteis para nos fazer compreender e explicar as questões científicas que empolgaram os arqueólogos recentemente: a cientificidade da arqueologia, a determinação dos problemas científicos arqueológicos, os limites e as possibilidades de nosso aparato conceitual e, finalmente, a concepção de que os textos arqueológicos podem ser compreendidos como representações do passado. Portanto, esses produtos do intelecto dos arqueólogos não são “a verdade” científica nem mesmo “fotografias” do real passado, mas “verdades relativas” e “arquiteturas intelectuais”. Esta produção da ciência está relacionada tanto ao “locus” onde ela é produzida, como aos documentos conhecidos em cada época do desenvolvimento da ciência arqueológica, aos métodos e teorias utilizados pragmaticamente por cada uma das gerações de pesquisas. Somente a partir desta ótica é

⁵ CHAUVEAU, A. e TÉTARD, Ph. (org.). **Questões para a história do presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999. p. 9-37.

que podemos compreender os textos publicados no passado por nossos pioneiros. Somente assim poderemos compreender quais os instrumentos intelectuais que se colocavam à disposição dos arqueólogos, guiando as suas práticas e motivando as suas reflexões.

Estas discussões epistemológicas são consideradas como de fundamental importância pois tiveram sempre como objetivo fazer os arqueólogos superar seus limites e investir em suas possibilidades, progredindo nas práticas e nas reflexões de sua própria ciência. Passaram a ser um eixo importante destas análises epistemológicas algumas questões tais como: quem é o arqueólogo?, qual o conhecimento que ele produz? Quais as abordagens que ele utiliza? quais os significados que ele propõe?

Estas importantes questões serviram para nos alertar quanto aos estudos de um autor e aos temas de seu tempo. Deveríamos ser capazes de ultrapassar os limites das interferências das nossas ideologias e da nossa subjetividade, investindo nas possibilidades de um interrogatório dos textos arqueológicos que seja capaz de aumentar a nossa capacidade de explicitação e de demonstração, assegurando assim a nossa capacidade heurística.⁶

Uma falha lamentável limita atualmente os estudos epistemológicos deste tipo. Uma nova geração de arqueólogos parece desconhecer a riqueza e a potencialidade destes textos dos pioneiros. Distribuíram-se de maneira pouco científica rótulos classificatórios de “historicismo cultural”, “positivismo” ou “determinismo geográfico” sem maiores preocupações com o fato de que os rótulos do presente nem sempre classificam de maneira apropriada as ações e as reflexões dos arqueólogos do passado. Isto é ignorar - em parte ou no todo - um conjunto de importantes documentos que deveriam ser analisados.

A arqueologia de ontem não está tão afastada da arqueologia de hoje, como poderíamos pensar.⁷ É exatamente neste sentido da relação entre o passado da arqueologia e o seu presente, que em 1977, Annette Laming-Emperaire redigiu o que seriam talvez suas últimas palavras dirigidas aos jovens arqueólogos brasileiros:

Uma nova vaga de pesquisadores se formam atualmente nas universidades brasileiras. Eles estarão mais bem equipados que os seus predecessores. Eles não ignoram nada das subtilezas

⁶ KERN, Arno Alvarez. “O papel das teorias como instrumental heurístico para a reconstrução do passado”. *Histórica* (APGH-PUCRS) n. 1, p. 7-22, 1996.

⁷ Laronde, André. « Avant-propos ». In: GRAN-AYMERICH, Ève. **Naissance de l'archéologie moderne**. Paris: Ed. CNRS, 1998. p. 9-10.

das decapagens horizontais, dos sistemas de amostragem, das múltiplas análises às quais nós podemos submeter os pequenos sacos de terra obtidos nas escavações. Eles tratarão suas indústrias líticas em computadores, após ter perdido horas sobre códigos que não lhes darão satisfação desde as primeiras tentativas. E eles folhearão com certa negligência estes documentos pensando talvez - e que eles sejam perdoados por isso - que as escavações antigas não valiam grande coisa.⁸

Um campo novo de pesquisas sempre pode assim se abrir, tendo como objetivo os textos dos próprios arqueólogos, possibilitando a análise epistemológica e a apresentação com clareza e precisão dos encaminhamentos e das transformações que conduziram a ciência arqueológica à sua situação atual.

AS REFLEXÕES DE UMA ARQUEÓLOGA SOBRE O SEU OBJETO DE ESTUDO

A tese de Laming-Emperaire sobre a arte pré-histórica foi defendida na Universidade de Paris (Sorbonne), em 1957. Ela foi produzida ao mesmo tempo em que a arqueóloga francesa realizava missões arqueológicas na América do Sul. Como ela nos explica, se por um lado estas interrupções reduzem o ritmo do trabalho que estava sendo realizado, por outro lado elas permitiam ao mesmo tempo um recuo e a comparação entre as realidades da pré-história europeia e a americana. A arqueóloga poderia se afastar das teorias mais clássicas e ter a liberdade de procurar novas soluções que pudessem corresponder melhor ao conjunto dos fatos conhecidos até então. Ao voltar, retomava-se o trabalho de crítica metodológica e o esforço de renovação.⁹ A relação com o orientador, André Leroi-Gourhan, foi de estreita colaboração, pois através de diálogos fecundos as hipóteses foram sendo sugeridas, comprovadas ou rejeitadas. Orientador e orientanda tinham a sensação de que neste período muito construtivo, o mundo da pré-história renascia diante deles, novo e mais coerente.

Na época havia uma incerteza em relação a muitas das realidades do mundo da pré-história. Os conceitos de magia, totemismo,

⁸ LAMING-EMPERAIRE, Annette. « Introduction ». In: PROUS, A. e PIAZZA, W. **Documents pour la pré-histoire méridional. 2. L'Etat de Santa Catarina**. Paris: EHESS, 1977. p. 4.

⁹ LAMING-EMPERAIRE, A. Opus cit., Prefácio. p. 1.

feiticeiro, etc., eram utilizados para uma interpretação mágica do que ocorria nas cavernas, criando assim uma espécie de suspeita em muitos arqueólogos. Se o rigor científico parecia impossível, muitos arqueólogos competentes passaram a desenvolver “estudos que consideraram mais estritamente objetivos, e que, além da descrição, consistiam na classificação e na datação dos documentos, o estudo de suas evoluções no tempo e a sua distribuição no espaço”. Este era o monumental trabalho que Leroi-Gourhan desenvolvia na época, nas cavernas francesas.

Sabiam os arqueólogos que esta característica de incerteza não era específica das hipóteses relativas ao mundo pré-histórico e à sua arte. Era sim uma marca comum a todos os ensaios de interpretação histórica. Em que medida, uma vez superada a etapa de busca e de classificação dos documentos escritos, a reconstituição histórica do passado não era uma criação intelectual do conhecimento e uma busca de significação por parte do historiador?

A própria autora busca uma explicitação e tenta relativizar esta busca do conhecimento:

*O que nós denominamos reconstrução do passado é, de uma maneira ou de outra, uma construção que varia com os autores e as épocas, as personalidades e o sistema cultural no qual ela nasce. Por relativa que ela possa ser, entretanto, a reflexão sobre a significação continua indispensável, quer se trate da arte ou de qualquer outra forma da atividade humana. Renunciar a isto é considerar a pesquisa pré-histórica como uma espécie de gigantesco quebra-cabeça cuja reconstituição apaixonante seria suficiente por si só.*¹⁰

Referindo-se aos aspectos sincrônicos e diacrônicos, Laming-Emperaire destaca as fronteiras móveis e pouco nítidas entre a História e a Etnologia.¹¹ Ela não aceita que se coloque lado a lado no espaço ou pouco a pouco no tempo, tipos de utensílios, de habitats ou de arte. A partir do que um dia foi a vida dos homens do passado, não se deveria reconstruir uma estrutura ao mesmo tempo objetiva e estéril, ou um quadro espaço-temporal sem nenhuma ligação interna. Trata-se - afirma ela -

¹⁰ Locus cit, p. 7.

¹¹ Segundo Claude Levi-Strauss, em seu trabalho “Histoire et ethnologie” de 1949 (p. 3) referido pela autora também na p. 7. Este antropólogo refere-se a este assunto em outro trabalho, posterior à defesa da tese: LEVI-STRAUSS, Claude. História e dialética. In: _____. **La pensée sauvage**. Paris: Plon, 1962.

ora de reencontrar a imagem de um aspecto do passado tal como ela foi vivida e sentido há milhares de anos, segundo os caminhos da Etnologia, ora de encontrar o sentido de uma evolução técnica, artística ou religiosa, seguindo os caminhos da História. A autora alerta que devemos sempre procurar uma compreensão a mais ampla possível do homem pré-histórico. O pré-historiador pretende ser mais do que um simples coletor de vestígios da cultura material. Não basta, pois, a justaposição de artefatos, pois ela não nos informa sobre os homens que os conceberam, nem sobre o nexos interno que nos leva de uma forma de atividades para outra, ao longo dos séculos. Se um artefato de sílex jamais gerou outro artefato, nem uma gravura de um animal outra gravura semelhante, devemos compreender que estes vestígios arqueológicos apenas adquirem um sentido e uma completa significação quando eles são interpretados.

Somos obrigados a reconhecer que a autora tem razão quando afirma que tudo o que se refere à descrição, às modificações ao longo do tempo, à datação, pode ser tratado com muito rigor. Entretanto, assim que penetramos no domínio do significado, notamos um enfraquecimento de nossos argumentos. O que poderemos sempre fazer, em primeiro lugar, é tentar o inventário dos conhecimentos atuais e compreender como são as hipóteses que nasceram deles. Em segundo lugar, propor os princípios de um método de investigação que seja aplicável e possa responder às questões propostas ao nível das interpretações. E, finalmente, mostrar em que direções ele pode dar resultados objetivos e com fundamentação.

Uma tomada de decisão muito importante e que caracteriza o trabalho de pesquisa realizado, foi a ênfase em um método de interpretação fundamentado em documentos arqueológicos, e não nas comparações etnográficas, até então muito usuais. Esta direção da investigação pareceu abrir algumas vias novas à pesquisa, tendo em vista a busca de uma significação para o objeto de estudo, a arte pré-histórica. Este caminho foi julgado válido, pois teve como ponto de partida a definição de critérios objetivos, bem como pela riqueza e a coerência dos primeiros resultados obtidos.

A CRÍTICA DAS TEORIAS EM VOGA

Muitas das teorias analisadas e criticadas nas teses são teorias pontuais e específicas. Não foram levado em conta megateorias metafísicas e teleológicas muito em voga no pós-guerra, como é o caso das explicações propostas por Spengler e Toynbee sobre o devir das

civilizações ou as de Marx sobre as seqüências dos modos de produção ao longo do processo histórico. Cada uma das explicações já apresentadas pelos especialistas são evidenciadas e criticadas como hipóteses de trabalho e, não como verdades estabelecidas. A diversidade de explicações é muito grande, variando muito de autor para autor.

Ao mesmo, fica uma pergunta no ar: não será vão tentar interpretações gerais que sejam válidas para todo o conjunto da arte pré-histórica mundial? Laming-Emperaire destacava em sua tese a diversidade e não a homogeneidade deste conjunto de obras artísticas. Em nossa atualidade, mais do que nunca, sabemos que, em todos os continentes e em todas as épocas, são milhares de formas que testemunham a variedade dos comportamentos artísticos dos homens do passado em seus hábitos cotidianos.¹²

Inicialmente a autora examina a teoria da arte pela arte, defendida por muitos desde 1865. Esta hipótese partia de dois pressupostos. O primeiro era a constatação que a qualidade de muitas obras de arte, indicava a existência de um gosto artístico avançado do homem pré-histórico. Em segundo lugar a idéia de que os homens da pré-história fizeram a sua arte aproveitando os lazeres impostos pelas glaciações nos abrigos e nas cavernas.¹³ Algumas comparações etnográficas, obtidas no final do século 19 a partir de estudos sobre populações de nativos australianos, vieram reforçar esta idéia. Começa então uma extensa discussão eivada de controvérsias sobre o animismo, o totemismo e a magia.

No início do século 20, um artigo de S. Reinach¹⁴ assinala uma mudança de orientação decisiva. São tentadas explicações mais substanciais e uma nova atitude face a esta arte. Ela passará a ser considerada pelos pesquisadores do novo século como um conjunto de evidências da cultura material relativo às crenças e ritos que ainda podiam ser encontrados entre os povos primitivos existentes na superfície do globo. Com o desenvolvimento progressivo da sociologia e da etnologia, todos os ensaios de interpretação da arte pré-histórica deverão ser embasados na etnografia comparada. Um problema destas análises é que os exemplos são tirados de culturas diversas. O que caracteriza estes estudos é a ausência de um inventário rigoroso. Ao

¹² VIALOU, Denis. L'Art paléolithique. In: OTTE, Marcel. **La Préhistoire**. Paris, Bruxelas: De Boeck & Larquier, 1999. p. 213.

¹³ Vialou acrescenta que se imaginava os homens pré-históricos com os gostos e os sentimentos da burguesia ocidental do século 19. Opus cit., p. 284.

¹⁴ Laming-Emperaire se refere ao artigo de Slomon Reinach intitulado "L'art et la magie", de 1903, reeditado posteriormente.

acaso, tendo como base mais a forma do que o conteúdo, são escolhidas figuras obtidas em diferentes origens: os esquimós e os indígenas “pele-vermelhas” da América do Norte, as pinturas rupestres saarianas e as dos bosquímanes da África; os nativos da Austrália. Vialou acompanha atualmente estas críticas de Laming-Emperaire a este “comparativismo etnográfico exacerbado”, no qual a magia “permitia tudo explicar, sem nenhuma racionalidade”. Por outro lado, nós sabemos perfeitamente hoje que os povos denominados primitivos são “... *bem atuais, em uma palavra são tão evoluídos quanto nós em relação aos “primeiros homens”, os pré-históricos autores das obras de arte em questão*”.¹⁵

As pesquisas feitas nas cavernas da França e da Espanha no decorrer da primeira metade do século 20, bem como as respectivas publicações devem muito ao abade Henri Breuil. Laming-Emperaire analisa seus trabalhos e conclui que para ele as duas teorias, tanto da arte pela arte como da significação religiosa e mágica, se complementariam, sem se excluir ou se opor necessariamente. Ele faz referências ao temperamento dos artistas, à paixão pelo belo, a escolas artísticas, ao mesmo tempo em que se refere às crenças e aos ritos que possivelmente poderiam ser reconstituídas diretamente das figuras estudadas. Para ele, não só a diversidade e a complexidade da arte eram evidentes, como fantástica a sua riqueza iconográfica.

Finalmente, até o período do pós-guerra, a hipótese dominante era que a arte dos homens pré-históricos seria relacionada à magia da caça. O objetivo da tese se afirma quando Laming-Emperaire destaca que “o acordo era quase unânime para uma interpretação mágica da arte das cavernas” e que poderia parecer vão novamente abordar o tema.¹⁶

As evidências pareciam ser muitas em favor desta teoria. A escolha das figuras seria sempre a caça a ser abatida. Os homens com máscaras de animais estariam fazendo uma dança da caça. As flechas, os ferimentos nos animais, as armadilhas de caça pintadas, tudo estaria relacionado às cerimônias preparatórias para a caça. As mãos, sempre presentes, seriam as marcas de posse sobre os animais a serem caçados. Os símbolos sexuais seriam uma forma de complementação da caça, pois assegurariam a abundância após a matança.

Outra corrente interpretativa, sem negar os aspectos mágicos da obra de arte pré-histórica, destacou os aspectos estilísticos e a mentalidade dos artistas, procurando uma interpretação psicológica.¹⁷

¹⁵ VIALOU, Denis. Opus cit. p. 285.

¹⁶ LAMING-EMPERAIRE, A. Opus cit., p. 6.

¹⁷ LUQUET, G.-H. “La magie dans l’art paléolithique”. **Journal de Psychologie**, 1931. _____. **L’art et la religion des homes fossils**. Paris: Masson, 1926.

Entretanto, o estudo estético das obras de arte proposto por este autor ainda é um problema sem solução, apesar de se começar a utilizar o conceito de representação desde o entre-guerras. As hipóteses aventadas são apenas conjecturas e não possuem possibilidades de validação ou verificação. Para este autor, a arte é anterior à magia e deve ter sido utilizada por esta e não criada por ela. Mas reconhece também que somente podemos dominar o aspecto formal e estilístico destas obras. O seu conteúdo mágico ficaria fora de nosso alcance e apenas no domínio da hipótese. Estas interpretações abrem, entretanto, um duplo caminho. Por um lado o autor realizou um estudo das condições intelectuais da criação artística. Por outro lado, defendeu a necessidade dos inventários e do seu tratamento estatístico.

Segundo Laming-Empeaire fica evidente que, por mais que os estudos realizados ao longo da primeira metade do século 20 tentem dar respostas gerais e definitivas, apenas se pode concluir que uma explicação global é arbitrária. E que os estudos de caso deveriam prevalecer. Em sua tese, ela afirmava que algumas questões não teriam ainda resposta. Serão as lacunas e as conclusões muito gerais inerentes a todo o esforço de interpretação sobre uma arte que não tem nem tradição oral nem é referida em textos? Serão os problemas de significação insolúveis pela sua própria natureza? A conclusão parcial de Laming-Empeaire é clara: o método de interpretação deve ser retomado desde as suas bases.¹⁸ Isto já estava sendo feito nesta época, com a arte pré-histórica do sul da França e o norte da Espanha. O inventário monumental foi realizado por André Leroi-Gourhan e sua equipe. As interpretações novas sugeridas por Laming-Empeaire em sua tese deram origem a novas perspectivas para a pré-história européia.¹⁹ Em sua tese são pouco a pouco elaboradas explicações pontuais para aspectos diferentes da arte pré-histórica francesa: o contexto e os temas de inspiração das esculturas paleolíticas, por um lado, os santuários subterrâneos (como Lascaux), por outro. O seu ponto de partida é o inventário que está sendo feito desde os anos 40. Séries de documentos arqueológicos são apresentadas e estudadas: blocos isolados de pedra com gravuras e esculturas, abrigos e cavernas com paredes pintadas e com gravuras. É este inventário que possibilita

¹⁸ Ver o capítulo VIII "Critique des théories", p. 135-45. O inventário monumental realizado e as interpretações novas sugeridas por Laming-Empeaire e retomadas por André Leroi-Gourhan e sua equipe foram publicados em espanhol: LEROI-GOUHRAN, André. **Prehistoria del arte occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1968. 326p.

¹⁹ LEROI-GOUHRAN, André. **Prehistoria del arte occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1968. 326p.

afirmações tais como: “Enquanto que no norte se desenvolvia a escultura, os artistas dos grupos paleolíticos mais meridionais penetravam nas grutas calcárias. A partir de uma finalidade desconhecida, eles começaram a pintar nas cavernas e a fazer gravuras de animais nas paredes, algumas vezes a centenas de metros sob a terra e nos recônditos mais secretos e mais misteriosos”.²⁰

AS CONCLUSÕES DA AUTORA DA TESE

As interpretações desenvolvidas procuraram se embasar, sobretudo, nos próprios documentos arqueológicos, não dando muita ênfase nas possíveis analogias etnográficas com populações mais recentes e de lugares muito afastados. Em lugar desta prática até então comum, foram estabelecidos critérios capazes de precisar e ordenar nossos conhecimentos sobre a arte. Eles podem ser divididos em duas séries diferentes, relacionados ao conteúdo das representações e ao contexto. A distribuição espacial de todas as obras permitiu distinguir dois grandes grupos, até então confundidos, com tradições artísticas e culturais diferentes. Esta arte das cavernas não mais poderia ser considerada uma adição infinitas vezes repetida de figuras de animais considerados como tendo sido concebidos de maneira isolada uns dos outros. Ao contrário, ela era o reflexo de grandes temas míticos encontrados em todos os sítios arqueológicos até então conhecidos. E ela acrescenta:

*Um estudo em profundidade dos diferentes temas de explicação, de sua importância relativa, das modalidades de emprego, permitirá controlar e aprofundar os resultados até aqui obtidos. Será necessário retomar o estudo das associações de animais, como aqueles signos de significação obscura que são os seres humanos com cabeça de animal, os animais monstruosos e, sobretudo, dos afrescos de personagens múltiplos como aqueles descobertos em Lascaux, bem como a sua distribuição espacial nas cavernas e abrigos.*²¹

Dois grandes grupos foram estabelecidos, distinguindo os santuários subterrâneos das obras a céu aberto. Se nos primeiros nós encontramos um predomínio de pinturas e gravuras, é no segundo

²⁰ LAMING-EMPERAIRE, A. Opus cit. p. 292.

²¹ LAMING-EMPERAIRE, A. Opus cit. p. 291-293.

tipo que foi encontrada a maioria das esculturas. Os santuários se encontram em uma zona mais meridional, os abrigos mais ao norte e oeste da zona estudada. Sem que se possa negar a existência destes dois grandes grupos, é necessário destacar os contatos destes dois grupos nos espaços fronteiriços. Por outro lado, trata-se de uma história de longa duração e os estudos mostram a antigüidade de algumas obras mais rústicas em relação a outras do período de desenvolvimento, que atingem um extraordinário nível de execução e acabamento. As mãos em positivo e em negativo parecem acompanhar as obras mais antigas.

Para a autora, parece ser ainda muito cedo para que se defina com precisão os significados dos temas encontrados que se repetem inúmeras vezes. Alguns podem ser místicos e lembrar a origem e a história de um grupo humano em suas relações com as espécies animais. Outros podem ser a concretização de uma antiga idéia metafísica que se exprime em um sistema de interpretação do mundo onde cada espécie, humana ou animal, tem a sua parte bem definida e a divisão sexual dos seres tem um papel primordial. É possível que alguns dos conjuntos sejam ao mesmo tempo míticos, metafísicos e religiosos, sem que as distinções que nós possamos elaborar entre estas diferentes maneiras de pensar possam ter grande significação, pois são aplicadas a homens que estão no alvorecer da humanidade.

As interpretações atuais seguem, portanto, orientações muito semelhantes às da tese de Laming-Emperaire. Reconhecemos a diversidade destas representações e os conjuntos simbólicos que obtemos pela comparação dos elementos analisados. Somos capazes de reconhecer a originalidade de cada conjunto de obras. E evitamos uma interpretação abstrata, ampla e geral, capaz de explicar todos os conjuntos. Buscamos hoje em dia, seguindo as sugestões finais da tese de Laming-Emperaire, explicações particulares e específicas, "autônomas como o são as culturas iconográficas às quais eles se aplicam".²²

A autora está muito convicta, entretanto, ao encerrar suas conclusões, que a tese permitiu que se ultrapassasse a noção de uma arte paleolítica mágica aplicável a todo o universo das formas artísticas pré-históricas. Segundo ela, agora teremos de pensar em uma arte pré-histórica no plural, pela diversidade de suas práticas. Ela é mais rica e mais complexa e exige significações novas.

*Nós vemos através desta arte desenharem-se as grandes li-
nhas de um mundo ignorado, mundo mítico já rico em tradições,*

²² VIALOU, D. Opus cit. p. 287.

*que foram sem dúvida precedidos de tradições perdidas para sempre. Pela primeira vez na história da humanidade os artistas das cavernas quaternárias fixaram sobre a pedra as suas concepções do que representa o homem sobre a terra, seu esforço por se inserir na grande aventura animal que joga nos arredores de seus acampamentos. Vale a pena tentar decifrar este primeiro Tratado da Natureza.*²³

Seguindo estas orientações gerais e em países continentais como o Brasil, deveremos saber definir grandes conjuntos regionais de elementos da arte pré-histórica e pequenos conjuntos específicos e particulares em um conjunto pequeno de sítios arqueológicos. É a própria documentação arqueológica que deverá destacar as semelhanças e as diferenças entre estes conjuntos. A arte deverá ser assim um elemento de identidade cultural. Como bem nos destacam os atuais especialistas da arte pré-histórica,²⁴ os grupos de homens do passado se apropriaram, através da sua cultura, dos meios capazes de afirmar suas identidades. Para isto criaram diversas formas de representações. Algumas delas estão voltadas para o seu cotidiano, como os ornamentos pessoais, as armas e os utensílios decorados. Outras se voltam, sublimadas, para um universo onírico na escuridão das cavernas.

Nos anos 50, a grande contribuição de Laming-Emperaire foi a noção de que a arte pré-histórica desempenhou uma importante função social. Ela foi concebida por esta arqueóloga, como conjuntos ordenados segundo uma certa ordem, em função de uma idéia global. De maneira metafórica, Laming-Emperaire concebeu as representações como um reflexo ideológico das sociedades, de seus conflitos e de suas dificuldades. Os homens do passado procuraram fixar sobre a matéria suas impressões fugitivas, suas crenças e seus pensamentos.²⁵

Segundo ela, os mais antigos ensaios artísticos foram as primeiras mensagens conscientes transmitidas a nós do mais profundo das idades. Vamos esperar que as idéias de Laming-Emperaire, sejam também consideradas importantes mensagens e contribuições conscientes que nos chegam, vindas das primeiras décadas do pós-guerra e que marcam uma época, a dos primeiros passos da arqueologia brasileira.

²³ LAMING-EMPERAIRE, A. Opus cit. p. 294.

²⁴ VIALOU, Denis. Opus cit, p. 286-89.

²⁵ LAMING-EMPERAIRE, A. **L' Archéologie Préhistorique**. Paris: Ed. Du Seuil, 1966. p. 6-7.

